

ELEIÇÕES COM SUSTENTABILIDADE

***Roberto Rodrigues**

Analistas políticos experientes vêm apontando uma obviedade absoluta em relação ao segundo turno das eleições: graças à espetacular escalada da Senadora Marina Silva nos últimos dias da campanha para o primeiro turno, o tema “meio ambiente” ganhou uma dimensão muito significativa, devendo ocupar grande espaço nas plataformas dos dois candidatos à Presidência da República.

É bem verdade, como também apontam os especialistas, que a votação da Senadora se deveu mais a ela mesma do que ao tema em si, uma vez que candidatos destacados de seu partido fracassaram nas eleições para o governo de diversos estados. Marina teve um discurso mais à frente do tempo dos seus concorrentes. Mas a questão da sustentabilidade é hoje uma unanimidade universal: não há um único terráqueo que não se preocupe com o aquecimento global, com a preservação dos recursos naturais, especialmente a água. Este ótimo discurso atraiu a juventude idealista e enorme parcela de eleitores insatisfeitos com a performance dos demais candidatos.

Portanto, a Senadora terá papel preponderante na campanha, e a temática ambiental também, sobretudo pelo amplo debate que se estabelecerá. Este é um importante avanço para a sociedade brasileira, e nos colocará na vanguarda global quanto ao assunto, mormente quando o mundo se prepara para a retomada das conversas frustradas da COP15.

E com certeza dois aspectos serão destacados no cenário nacional: o desmatamento da Amazônia e o papel da agropecuária no desenvolvimento do Brasil. A própria revisão do Código Florestal em andamento no Congresso será, de alguma forma, permeada pelo novo patamar do tema ambiental que, escoimado de radicalismo, ideologias ou paixões, possibilitará a construção de um projeto de desenvolvimento sustentável para o país, exatamente a partir de políticas que qualifiquem o agro.

Além da redução do desmatamento, é preciso ver o outro lado, o que se tem feito no país em relação às florestas plantadas.

O Brasil já é um dos maiores plantadores de florestas do mundo todo. Seja para atender à demanda da indústria de celulose e papel, seja para a simples recuperação de áreas degradadas, temos hoje 6,3 milhões de hectares plantados com florestas, e 100% da produção de papel e celulose vem deste setor: não se derruba uma única árvore nativa para isso. Aliás, o Brasil é o 4º maior produtor mundial de celulose e o 9º maior de papel, e crescendo em ambos os segmentos graças à enorme competitividade determinada exatamente pela plantação de florestas em nosso imenso território.

É interessante o fato de que além de plantar quase toda esta área, o setor de celulose e papel mantém 2,9 milhões de hectares de florestas nativas para preservação, recuperação e estudos da biodiversidade. Cerca de 2,7 milhões de hectares florestais são certificados pelo FSC (Forest Stewardship Council) e pelo Programa Nacional de Certificação Florestal. E os programas de parceria

florestal desenvolvidos pelo segmento de papel e celulose têm um aspecto social relevante: são mais de 20 mil pequenas e médias propriedades rurais abrangidas, gerando 600 mil empregos diretos e indiretos. As florestas plantadas absorvem 1 bilhão de toneladas de CO₂ da atmosfera, por ano!

Vale a pena, enfim, revelar este aspecto pouco conhecido da agricultura brasileira.

Porque os demais setores são mais notórios, especialmente o dos grãos. Nunca é demais repetir que nos últimos 20 anos a área plantada com grãos no Brasil cresceu 25% e a produção 157%, o que significa uma “economia” de 42 milhões de hectares de florestas ou cerrados. Ou que a emissão de CO₂ da cadeia produtiva de cana (cujo aumento de produtividade desde o início do Proálcool também preservou 5 milhões de hectares), é apenas 11% da emissão de CO₂ da gasolina.

São dados importantes para o debate que se dará oportunamente ao longo da campanha para o segundo turno: é a sustentabilidade nas eleições.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**